

EVANGELHO

Evangelho, cada um dos quatro relatos da vida e ensinamentos de **Jesus** e que, juntos, compõem o Novo Testamento. Durante os serviços religiosos das Igrejas cristãs, lêem-se ou cantam passagens escolhidas destes livros. A palavra evangelho tem sua origem no termo grego *evangelion* ("boa nova"). Em geral, os especialistas concordam que os quatro Evangelhos foram escritos em grego e seus autores, talvez, tenham utilizado fontes aramaicas orais ou escritas mais antigas que conservavam as palavras e os discursos reais de Jesus.

Evangelhos sinópticos

Os três primeiros Evangelhos - **Mateus**, **Marcos** e **Lucas** - denominam-se sinópticos por apresentarem uma perspectiva similar da vida e pregação de Jesus. Narram quase os mesmos feitos, coincidindo, muitas vezes, na narrativa dos acontecimentos. Utilizam um vocabulário idêntico, empregando as mesmas palavras.

João

O Evangelho atribuído a João Evangelista difere, em muitos aspectos, dos sinópticos. Vários feitos mencionados em **João** não aparecem em nenhum dos sinópticos, enquanto outros, citados nos sinópticos, não foram registrados em João. Além disso, alguns fatos semelhantes aparecem, em capítulos diferentes, na narrativa de João. Os especialistas bíblicos modernos concordam que o Evangelho de João foi redigido depois dos sinópticos. No entanto, não conseguem concordar se o autor do Evangelho segundo São João conhecia, ou não, os Evangelhos sinópticos. Em caso positivo, discutem se estes foram utilizados como fonte. Alguns estudiosos acreditam ser possível que o autor tenha conhecido Marcos e Lucas e que tenha se inspirado em seus respectivos Evangelhos.

Uso litúrgico

No sentido litúrgico, o termo evangelho aplica-se aos textos breves, selecionados dos quatro Evangelhos, que se lêem ou cantam entre a Epístola e o Credo, na missa católica e no serviço anglicano.¹

Jesus Cristo (nascido entre 8 e 4 a.C. e 29 d.C.), personagem principal do **cristianismo**, nascido em Belém, Judéia. Para os cristãos, Jesus é o Filho de Deus, concebido por **Maria**, mulher de **José**. As principais fontes de informação sobre sua vida encontram-se nos **Evangelhos**.

Todos os Evangelhos sinópticos - os três primeiros, de Mateus, Marcos e Lucas, assim chamados por apresentarem uma visão similar da vida de Cristo - relatam que Jesus iniciou sua vida pública depois da prisão de **João Batista** que o batizou no rio Jordão. Após o batismo e o retiro no deserto, Jesus voltou à Galiléia, transferiu-se para Cafarnaum e começou a pregar. Quando o número de seguidores cresceu, escolheu **12 discípulos**. Com eles, estabeleceu sua base em Cafarnaum e viajou pelas cidades próximas proclamando a chegada do reino de Deus. Sua ênfase na sinceridade moral - mais do que na observância rígida do ritual judaico - provocou a inimizade dos **fariseus**. O momento mais importante de sua vida pública ocorreu em Cesaréia de Fili, quando Simão, depois chamado **Pedro**, comprovou que Jesus era o Cristo. Esta revelação, a posterior predição de sua morte e ressurreição, as condições da missão que seus discípulos deviam cumprir e sua transfiguração, constituem a base principal das crenças cristãs.

Na época da Páscoa judaica, Jesus fez sua última viagem a Jerusalém. Os sacerdotes e escribas (Jo. 11;48), conspiraram com **Judas Iscariotes** para prendê-lo. Jesus celebrou a ceia da Páscoa (Mt. 26;27), abençoou o pão e o vinho anunciando que, quando fiéis se reunissem e repetissem aquele gesto, “farão em memória de mim” e advertiu a seus discípulos sobre a iminente traição e morte. Desde então, este ritual, a **Eucaristia**, constitui o principal sacramento da Igreja. Depois de preso, Jesus foi conduzido ao Conselho Supremo Judaico onde **Caifás** pediu que Jesus declarasse se era “o Messias, o filho de Deus” (Mt. 26,63). Por esta declaração, Jesus foi condenado à morte, sentenciado por **Pôncio Pilatos**. Após ser torturado, Jesus foi levado ao Gólgota e crucificado.

“Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago” (Mc. 16,1), indo ao sepulcro para ungir seu corpo antes de o enterrarem, encontraram-no vazio e receberam, através de um anjo, o anúncio de sua ressurreição. Conforme o Novo Testamento, este fato converteu-se numa das doutrinas essenciais da cristandade. Todos os evangelhos assinalam que, após a morte e ressurreição, Jesus continuou a pregar a seus discípulos. Lucas (24;50,51) e os Atos dos Apóstolos (1;2,12) relatam sua ascensão aos céus, 40 dias após a ressurreição.

Na história do cristianismo, a vida e ensinamentos de Jesus foram, muitas vezes, tema de discussão e de diferentes interpretações. Definir sua natureza tornou-se objeto de uma disciplina chamada **Cristologia**.²

Evangelho segundo São Mateus, primeiro livro do Novo Testamento.

Os antigos escritores cristãos acreditavam que este livro era o primeiro dos Evangelhos sinópticos - desta idéia deriva sua localização no princípio do Novo Testamento - e atribuíam-no a São Mateus, um dos 12 apóstolos. Sustentavam, também, que Mateus escreveu o **Evangelho** na Palestina, pouco antes da destruição de Jerusalém, em 70 d.C. Embora ainda exista quem mantenha esta opinião, a maioria dos especialistas assegura que o Evangelho mais antigo é o de São Marcos.

Conteúdo

O Evangelho de Mateus estrutura-se em torno de cinco discursos de **Jesus Cristo**.

A narração introdutória, capítulos 1 e 2, traz a genealogia de Jesus até o patriarca **Abraão** e o rei Davi, incluindo uma série de dados sobre o nascimento e infância de Jesus (Mt.1,18; 2,23).

A primeira narrativa, capítulos 3 e 4, está dedicada a João Batista, ao batismo e tentação de Jesus e ao começo de seu ministério público. Em seguida, nos capítulos 5 a 7, vem o Sermão da Montanha (ver **Bem-aventuranças**. Neste sermão está incluído o **Pai-nosso** (Mt.6,9-13).

A segunda narrativa (Mt.8,1; 9,38) apresenta exemplos da capacidade de Jesus para curar os enfermos com o poder da fé. No segundo discurso (Mt.10, 1-42), Jesus ordena a seus 12 discípulos curar e pregar “às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt.10,6), assinalando as condições para o apostolado.

A terceira narrativa, capítulos 11 e 12, relata a crescente oposição dos fariseus às obras e pregações de Jesus. A temática do terceiro discurso (Mt.13,1-52) é o reino dos céus. Este discurso inclui as parábolas do semeador (Mt.13,18-23), da cizânia (Mt.13,24-30) e do grão de mostarda (Mt.13,31-32).

A quarta narrativa (Mt.13,53; 17,27) começa com a história da discriminação que sofre Jesus pelos habitantes de sua cidade (Mt.13,53-58), dá conta da morte de João Batista (Mt.14,3-12), de uma série de curas milagrosas, de um milagre de

São Pedro, da revelação de natureza e vocação divinas de Jesus (Mt.16,13-20), do anúncio da Paixão, Ressurreição e Transfiguração (Mt.17,1-8). O quarto discurso (Mt.17,24-18;35) refere-se à Igreja e às condições para que ela se viabilize, assim como ela deverá ser administrada.

A quinta narrativa, capítulos 19 a 22, descreve a última viagem de Jesus pela Judéia até Jerusalém, incluindo a entrada na cidade e a expulsão dos vendilhões do Templo. O último discurso importante divide-se em duas partes. Na primeira (capítulo 23), Jesus critica os fariseus e escribas. Na Segunda, capítulos 24 e 25, Jesus explica aos discípulos os sinais de sua vinda e do fim do mundo (Mt.24,3). Também Ihes fala, nas parábolas da figueira (Mt.24,32-33), das dez virgens (Mt.25,1-3), dos talentos (Mt.25,14-30) e sobre a chegada do reino dos céus, descrevendo o Juízo Final.

A unção de Jesus, a traição de que é objeto, a última ceia, a agonia e sua prisão no jardim de Getsemani, seu julgamento, crucificação, morte e sepultura são relatados na primeira das duas narrativas culminantes, capítulos 26 e 27. A Ressurreição de Cristo e a ordem aos discípulos para que transformem todas as pessoas em novos discípulos (Mt.28,19), fazem parte da última narrativa.

Elementos característicos

A influência de Mateus no cristianismo foi dominante. Além de sua importância teológica na formulação da doutrina - importância compartilhada apenas com o Evangelho de São João, sua versão dos fatos mais célebres (Sermão da Montanha, Pai Nosso e as histórias da Paixão) é mais conhecida que os relatos paralelos dos demais Evangelhos.³

Evangelho segundo São Marcos, segundo livro do Novo Testamento.

Os indícios mais antigos relativos ao autor do hino de Marcos provêm do historiador da igreja Eusébio de Cesaréia (século III) que cita Pápias, um escritor ainda mais antigo. Este, por sua vez, cita uma afirmação relativa ao Evangelho de São Marcos feita por uma figura mais remota, a quem chama o 'Presbítero' (em grego, *presbyteros* significa 'mais velho') "E costumava dizer o Presbítero: 'Marcos, ao ser o intérprete de Pedro, escreveu com exatidão, mas não em ordem, o que recordava que havia sido dito e feito pelo Senhor'".

Na opinião de Pápias, o citado Marcos era João Marcos, primo de Barnabé, mencionado em **Atos dos Apóstolos** (Heb., 15:37,39) em várias epístolas de **Paulo** - Col 4,10; II Tim, 4,11 e Fil., 24 - e em I Pedro (5,13). No capítulo 13 de seu Evangelho, Marcos se refere à destruição de Jerusalém como um acontecimento iminente ou ocorrido recentemente. Em consequência, ainda que os especialistas não saibam se devem datar o texto pouco antes, ou pouco depois, de 70 d.C., é certo que não ele não foi escrito muito distante desta data.

Conteúdo

O Evangelho relata a história do **Jesus** adulto: do momento de seu batismo, por João Batista, até sua crucificação e a mensagem do anjo anunciando sua ressurreição. Os episódios iniciais, encenados na Judéia, descrevem a atividade de João Batista, o batismo de Jesus e sua tentação por Satã, no deserto. Em seguida, o cenário é trasladado para a Galiléia (Mc.1,14) e, durante a maior parte do Evangelho, o leitor percorre as diversas regiões do norte de Palestina, especialmente os arredores do mar da Galiléia onde Jesus prega sobre o reino de Deus e cura os enfermos.

Em seguida, Jesus dirige-se ao sul (Mc.10,1), rumo à Judéia. Do capítulo 11 até ao final do Evangelho, os acontecimentos se desenvolvem em Jerusalém e em seus arredores, onde se desenrolam a prisão, a crucificação e o sepultamento de Jesus. Quando algumas mulheres dirigem-se à tumba para encarregar-se do corpo, descobrem que está vazia. Um anjo, então, ordena-lhes comunicar o fato aos discípulos, mas elas, por temor, nada falam com ninguém.

Existem duas tradições textuais para a conclusão do Evangelho. A maioria dos manuscritos gregos têm o “final longo”, encerrados no capítulo 16, versículo 20. Existe uma versão que acaba no capítulo 16, versículo 8. Entre os especialistas, a opinião dominante é que a versão mais curta é a mais antiga. Isto é, Marcos terminou seu Evangelho em 16,8 e um escriba do século II, considerando que o final era insatisfatório, baseou-se no Evangelho de Lucas para compor uma conclusão mais aceitável.⁴

Evangelho segundo São João, quarto livro do Novo Testamento. A tradição eclesiástica, da segunda metade do século II, sustenta que foi escrito por **São João Evangelista** e publicado no final do século I, talvez na antiga cidade grega de **Éfeso**. A mesma tradição diz que este foi o último dos Evangelhos, opinião compartilhada pelos estudiosos modernos. Esta é a razão pela qual aparece no cânone do Novo Testamento após os três evangelhos sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas) que, entre si, compartilham pontos de vista e temáticas comuns.

Os especialistas mais liberais situam João na última década do século I, ou na primeira do século II.

Tratamento do evangelho

O Evangelho de João divide-se em quatro seções diferenciadas. A primeira (capítulo 1, versículos de 1 a 18) é um breve prólogo sobre a natureza de Jesus Cristo como encarnação da Palavra ou Verbo (capítulo 1, versículos 1, 2 e 14) - o *Logos*. *Logos* significa razão e, na antiga filosofia grega, representa o princípio reitor do Universo. Designa, ainda, uma doutrina cristã que explica Deus como o agente divino manifestado na criação, ordenação e salvação do mundo.

A segunda seção (capítulo 1, versículos 11 e 19 a 57) - ou, segundo a divisão de outros especialistas, capítulo 12, versículos 19 a 50 - apresenta o testemunho de que Jesus é o verdadeiro Messias. Cristo, em outras palavras, é o *Logos* encarnado. Este testemunho é prestado por João Batista e pelos primeiros discípulos. Mas se expressa, sobretudo, através dos milagres de Jesus que, assim, “manifestou sua glória” (capítulo 2, versículo 11). Estes milagres são a transformação da água em vinho em Canaã (Jo.2,1-11), a cura do filho de um funcionário real (Jo.4,46-54), a cura de um homem que estava há 38 anos enfermo (Jo.5,1-9), a multiplicação dos pães e dos peixes (Jo.6,1-15) — este, o único milagre registrado nos quatro Evangelhos —, a cura de um homem cego de nascimento (Jo.9,1-7) e a ressurreição de Lázaro, amigo de Jesus (Jo.11,1-46). Alguns exegetas consideram que a aparição de Jesus caminhando sobre as águas (Jo.6,16-21) é também um milagre, embora existam os que duvidem que este fenômeno deva ser considerado como tal. Outros estudiosos enumeram a morte e ressurreição de Jesus como fatos milagrosos (capítulo 19, versículo 30).

Teólogos afirmam que a terceira seção do evangelho de João começa com as últimas viagens de Jesus a Betânia e a Jerusalém. Estas viagens marcaram o final do ministério público de Cristo (capítulo 12). De acordo com os teólogos, esta parte compreende a paixão e ressurreição de Jesus (capítulos 12 a 20). Outros especialistas - seguindo a doutrina do *Logos*, definida no prólogo -, sustentam que o tema fundamental da terceira seção é o regresso do Filho encarnado ao Pai. Por

estas opiniões, a terceira seção começaria, então, no capítulo 13 (onde se conclui a peregrinação de Cristo) e iria até o capítulo 20. Seja qual for a estrutura escolhida, esta seção inclui o relato da última ceia, o último discurso e oração de Cristo. Os parágrafos narrativos descrevem o drama da traição, prisão, julgamento, crucificação e sepultamento de Jesus e o testemunho pessoal do sepulcro vazio e das aparições de Cristo ressuscitado ante Maria Magdalena, os discípulos e o incrédulo Tomé.

A quarta seção de João (capítulo 21) é um apêndice ou epílogo. Nele, Cristo ressuscitado aparece, pela terceira vez, ante seus discípulos e ordena a Pedro: “apascenta meus cordeiros” e “minhas ovelhas”, também prediz o martírio do apóstolo e fala sobre um discípulo a quem ama. Este discípulo se identifica como o próprio autor do Evangelho (capítulo 21, versículo 24).⁵

⁵"Evangelho", *Enciclopédia® Microsoft® Encarta 99*. © 1993-1998 Microsoft Corporation. Todos os direitos reservados.